



## Falar Ler Escrever As Palavras E O Mundo

Por Elizabet Cerqueira, para RAÍZES.

2025/10/29

A Campanha de Alfabetização e Agroecologia, realizada na Zâmbia pela Brigada Internacionalista Samora Machel em parceria com o Partido Socialista, nasce com a convicção de que não basta ensinar o povo a ler e a escrever as letras; é preciso ler e escrever o mundo. Localizada na parte sul da África, a Zâmbia é um país sem litoral, com terreno acidentado e fauna diversificada, com muitos parques e áreas de safári [1].

A Zâmbia é um país de enorme diversidade linguística: abriga mais de 70 idiomas e dialetos locais, pertencentes majoritariamente ao tronco bantu [2]. Entre eles, sete são reconhecidos como línguas regionais oficiais: Bemba, Nyanja, Tonga, Lozi, Lunda, Luvale e Kaonde, e são amplamente utilizados na vida cotidiana, nas rádios comunitárias e nas escolas primárias das zonas rurais [2]. A população zambiana é, em grande parte,



multilíngue, capaz de transitar entre o idioma da comunidade, o da província e o inglês, uma relíquia colonial.

Apesar dessa riqueza, a ênfase na alfabetização em inglês remonta ao período colonial britânico, quando a língua foi imposta como instrumento de administração e controle, tornando-se símbolo de prestígio social e acesso ao poder. Depois da independência, o inglês permaneceu como língua oficial do Estado e da escolarização formal, sendo exigido para empregos públicos, documentos oficiais e exames nacionais. Isso significa que o analfabetismo em inglês não é apenas uma limitação linguística: é também uma barreira política e social, que afasta grande parte da população dos direitos e das oportunidades.

Uma parte significativa da população da Zâmbia — 55,3%, ou mais da metade — não sabe ler nem escrever em inglês. As mulheres, especialmente as que vivem em áreas rurais, constituem a maioria dessa porcentagem [3]. As desigualdades de gênero e geracionais pesam fortemente na realidade educacional da Zâmbia. De acordo com a Pesquisa Demográfica e de Saúde da Zâmbia (ZDHS) de 2018, apenas 48% das mulheres entre 15 e 49 anos concluíram o ensino médio ou superior, em comparação com 58% dos homens, uma diferença que reflete como o acesso das mulheres à educação formal continua limitado por barreiras históricas, culturais e econômicas [4]. Como resultado, é necessário garantir o acesso dessas pessoas aos seus direitos fundamentais, como a educação, bem como o acesso a serviços básicos, como saúde, transporte e programas governamentais. O país não possui um sistema de ensino totalmente público. Os alunos que se matriculam na escola concluem os anos de ensino básico financiados pelo Estado, até a 6<sup>a</sup> ou 7<sup>a</sup> série, e depois são obrigados a pagar diferentes taxas e custos, tornando impossível para uma grande parte da população continuar estudando. Somado a essas barreiras está a questão da própria infraestrutura. Muitas escolas no país estão localizadas longe das casas, fazendo com que os alunos tenham que percorrer longas distâncias para chegar à escola.

No caso das mulheres, a realidade é ainda mais desafiadora se levarmos em conta a divisão sexual do trabalho. Questões como casamento precoce e maternidade,



responsabilidades domésticas e falta de recursos financeiros para concluir a educação são motivos que dificultam o acesso das mulheres à educação. De acordo com os registros, as mulheres zambianas têm em média de 5 a 6 filhos. Nessa circunstância, muitas mulheres são forçadas a interromper seus estudos quando se tornam mães e precisam cuidar da casa e dos filhos [4]. Em muitas comunidades rurais e remotas, as meninas abandonam a escola para cuidar dos irmãos mais novos, além de realizar tarefas domésticas, como buscar água, trabalhar nas fazendas da família e vender vegetais, o que raramente lhes permite retornar aos estudos. Para as pessoas mais velhas, no entanto, a falta de educação tem outra origem: suas gerações foram educadas sob um sistema colonial que excluía os africanos das escolas ou restringia sua educação ao treinamento básico para o trabalho manual. Muitos cresceram acreditando que estudar “não era para eles” e ainda carregam o peso simbólico dessa exclusão até hoje.



Aulas em andamento em Senanga, Província Ocidental. Fonte: Brigada Samora Machel

A campanha Alfabetização e Agroecologia é uma resposta direta a essa realidade. É a oportunidade de as mulheres retomarem a palavra que lhes foi negada, e de os mais velhos recuperarem a dignidade de compreender o mundo escrito que sempre lhes foi imposto. A centralidade do inglês reproduz desigualdades linguísticas e territoriais. É nesse contexto que a Campanha de Alfabetização e Agroecologia buscou reconhecer as línguas locais como ponto de partida para a aprendizagem, afirmando que a verdadeira alfabetização não é apenas ler em inglês, mas ser capaz de ler o mundo e transformá-lo.



Inspirada no método cubano *Yo sí puedo*<sup>1</sup>, na pedagogia da educação popular de Paulo Freire e nas práticas de alfabetização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil, a campanha cria um caminho próprio, chamado de “*to talk to read to write the words and the world*”. Esse método se forja no encontro entre educadores e educandos, na realidade concreta das comunidades camponesas, urbanas e periféricas da Zâmbia.

Nas áreas rurais, a maioria dos alunos também são agricultores, homens e mulheres cujas mãos trazem as marcas do trabalho no campo. Portanto, a alfabetização e a agroecologia têm um duplo valor: aprender a ler e escrever significa, ao mesmo tempo, compreender o mundo em que vivem e melhorar a produção e as condições de vida. Nas áreas urbanas, alguns alunos vivem à margem, sem emprego formal, enquanto outros trabalham como comerciantes ou vivem em casas improvisadas. Sua realidade é amplamente diversa e complexa. Além do desejo de aprender a ler e escrever, eles trazem consigo a necessidade de encontrar respostas para suas condições de vida. Assim, junto com palavras e cadernos, as demandas por alimentação, saúde, água, moradia e dignidade entram na sala de aula.

O objetivo vai além de ensinar as pessoas a ler e escrever: é tornar a Zâmbia um território livre do analfabetismo. É formar pessoas críticas, conscientes e organizadas, capazes de decifrar o mundo para que, juntas, possam transformá-lo. A campanha é gratuita. Esse é um princípio central do projeto, que encara a educação como um direito, não um privilégio. Em um país onde muitas famílias vivem com menos de dois dólares por dia, o acesso gratuito garante que ninguém seja deixado de fora por não poder pagar as mensalidades escolares, os materiais didáticos ou o transporte. Em várias comunidades, foram distribuídas bicicletas para facilitar o acesso dos educadores às salas de aula.

A Campanha foi concebida para alcançar todo o território nacional da Zâmbia, priorizando as regiões com os índices mais críticos de analfabetismo, tanto em áreas rurais quanto urbanas. Desde 2021 até o presente ano, o método já alfabetizou mais de 5 mil educandos, rompendo assim a cegueira do analfabetismo. Na primeira fase,

---

<sup>1</sup> Sim, eu posso (em espanhol: *Yo, sí puedo*) é um método de ensino para alfabetização de adultos.



participaram 2.130 estudantes em territórios rurais de Eastern Province, Western Province, e, na segunda fase, o alcance se ampliou para os territórios urbanos de Lusaka, Copperbelt e Central Province.



Os participantes trabalharam em suas tarefas na província de Lusaka. Fonte: Brigada Samora Machel

Os educadores e coordenadores locais da campanha são voluntários, são eles que fazem o papel de mobilizar e identificar em suas comunidades os alunos além de organizar juntos aos líderes tradicionais, igrejas, membros do Partido os locais onde possam se instalar as turmas. Antes de iniciar o trabalho nas comunidades, esses educadores passam por uma formação político pedagógica que aprofunda tanto o método “to talk to read to write the words and the world” quanto o legado de Paulo Freire, estudando a educação popular a partir da perspectiva teórico-prática. Durante as formações, os educadores aprendem a adaptar o ensino à realidade concreta de cada território: comunidades rurais, urbanas ou periféricas. O método propõe uma pedagogia ativa e dialogada, em que o processo de alfabetização parte das palavras e temas geradores trazidos pelos próprios educandos — palavras que expressam sua vida, seu trabalho, suas alegrias e seus sonhos e os desafios coletivos dessas comunidades. Como ensinava Paulo Freire, é a partir do universo vocabular do povo que se desperta a consciência crítica e o desejo de transformação.



A educanda escreve seu nome depois de aprender o alfabeto em Chansefu, Província Oriental.

Fonte: Brigada Samora Machel.

Os materiais utilizados na campanha incluem cadernos de alfabetização, manuais do educador e guias práticos de agroecologia. Cada aula combina leitura, escrita e debate sobre temas ligados ao cotidiano: saúde, nutrição, moradia, meio ambiente, saúde e organização comunitária. A alfabetização, assim, não se reduz a um ato técnico de decodificar letras, mas se torna uma prática de libertação e reorganização da vida coletiva.

As condições estruturais representam um desafio: chegar às áreas mais remotas, garantir materiais, transporte e apoio financeiro para manter o processo em andamento. Apesar disso, a equipe continua comprometida com a crença de que a alfabetização é um ato libertador.



Alunos posam com seus materiais de estudo, distrito de Kabanana, província de Lusaka. Fonte: Brigada Samora Machel

## A Pedagogia Da Agroecologia

Juntamente com a alfabetização em palavras, vem a alfabetização na terra. É por isso que a agroecologia não é considerada uma atividade auxiliar, mas uma parte estrutural do processo, unindo o aprendizado das letras com o cultivo de alimentos, a preservação de sementes, a memória das comunidades e o direito a uma vida digna. Um relatório de 2019 sobre “Governança da Terra na Zâmbia” observa que, em termos de classificação, 15-20% das terras são mantidas sob posse legal, enquanto 80% ainda são reguladas sob posse consuetudinária. Mais da metade da população reside em regiões rurais e é significativamente afetada pelas questões sociais sistêmicas criadas pelo capitalismo. Incluída nesta discussão está a mudança climática, uma vez que suas flutuações de temperatura e alterações nos padrões de precipitação podem afetar significativamente os meios de subsistência dessa população.

Aqui a pedagogia da agroecologia se expressa no cotidiano das aulas e no planejamento das formações. Algumas perguntas orientam o processo:



- Como inserir práticas agroecológicas no planejamento dos educadores?
- De que forma o time de agroecologia participa das formações de educadores?
- Como integrar o calendário da campanha às dinâmicas do campo, considerando épocas de colheita e de seca?

Entre as várias práticas agroecológicas realizadas nas comunidades, que incluem, entre outras:

- Resgate e catalogação de plantas medicinais.
- Criação de murais comunitários com informações sobre biodiversidade e saúde.
- Construção de hortas e viveiros comunitários, usados como espaço de aprendizagem para ler, escrever e contar.
- Exibição de vídeos e rodas de conversa sobre alimentação saudável e soberania alimentar.

Nas comunidades, as palavras e as práticas se unem — escrever passa a ter o mesmo sentido de plantar, regar e colher. Por exemplo, ao aprender a ler e escrever sobre o solo, os educandos também descobrem como preparar fertilizantes naturais, como o *tea manure* — um biofertilizante feito a partir do esterco de animais e de materiais orgânicos disponíveis localmente, que melhora a produtividade e reduz a dependência de produtos químicos.

Da mesma forma, na área da saúde popular, o aprendizado das letras se cruza com o conhecimento sobre os “super alimentos” — como o amendoim, o sorgo, a moringa e o milho local — que combatem a desnutrição e fortalecem o corpo com nutrientes naturais. As aulas tornam-se um espaço onde o saber científico e o saber tradicional se encontram: aprender a ler o nome de uma planta é também reconhecer seu poder de cura; escrever uma receita é registrar uma memória coletiva.

Nessa pedagogia, a alfabetização e a agroecologia caminham juntas, cultivando não apenas o conhecimento das palavras, mas o entendimento profundo sobre como viver



em harmonia com a terra e com a comunidade. O aprender, aqui, é um ato de resistência e de esperança — porque quem aprende a ler o mundo é capaz também de transformá-lo.



Formação em agroecologia no distrito eleitoral de Kanyama. Fonte: Brigada Samora Machel

### **A Campanha Como Semente Viva Da Libertação Africana**

A alfabetização aqui é um ato de libertação, um processo de diálogo entre o conhecimento popular e o conhecimento político, entre as palavras e a vida. A campanha se torna um grande ponto de encontro, onde se tecem conversas, surgem perguntas e se recria o sonho coletivo de um povo que está aprendendo a escrever sua própria história com as próprias mãos. Mais do que um projeto educacional, é uma prática de organização e esperança. Cada círculo de leitura, cada aula ao ar livre, cada palavra aprendida é também uma semente do poder popular. A campanha fortalece a capacidade das comunidades de refletir, planejar e decidir seu próprio destino, e é nessa jornada que se forja a consciência de que o futuro da Zâmbia pode ser construído de baixo para cima, a partir do solo que as massas pisam.



Assim como Amílcar Cabral escrevia a Paulo Freire, afirmando que a educação deve nascer das entranhas do povo e devolver ao camponês a dignidade roubada pela colonização, também aqui a campanha se faz semente. No chão dos vilajeros e bairros, a alfabetização se transforma em ato de resistência, reafirmando que o futuro da Zambia só pode ser construído com raízes firmes em sua própria história, cultura e capacidade de reinventar-se.

E se o método se chama *to talk to read to write the words and the world*, é porque aqui se trata de falar para sonhar, de escrever para cultivar, de ler para libertar. Um caminho que é, ao mesmo tempo, homenagem e continuidade das lutas de Cabral, de Freire e de tantos povos africanos que sempre souberam que a palavra, como a semente, só floresce quando encontra terra fértil.



Theresa Bwalya na sua cerimônia de formatura na província de Lusaka. Fonte: Brigada Samora Machel

Abaixo coloco as duas cartas que mais me emocionaram e que se tornaram combustível nesta caminhada. Uma veio das mãos ásperas e envelhecidas de uma idosa que reencontrou, entre palavras simples, o poder de dialogar com o mundo; a outra, de uma mulher jovem, que enfrenta o estigma da exclusão por ser albina, que escreveu pela



primeira vez o seu próprio nome com a firmeza de quem descobre que a escrita também pode ser um espelho.

Essas cartas novamente me remetem as correspondências trocadas entre Amílcar Cabral e Paulo Freire — duas vozes que, mesmo vindas de mundos diferentes, se encontravam na certeza de que o povo é capaz de pensar, criar e transformar a sua própria história. Cabral dizia que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”. Freire completava, anos depois, que “ensinar não é transferir conhecimento, é criar possibilidades para a produção e construção do saber”. É isso que vivemos aqui: comunhão. A alfabetização se torna um ato de amor e coragem, uma forma de resistência cotidiana.

**Theresa Bwalya, 67 anos, Lusaka (Chilenje)**

Queridos Educadores e Companheiros da Campanha,

Meu nome é Theresa Bwalya. Tenho 67 anos e quero escrever esta carta para dizer o que mudou na minha vida desde que comecei a estudar. Durante muitos anos, vivi com uma tristeza silenciosa: meus netos falavam inglês, e eu não conseguia conversar com eles. Quando vinham me visitar, eu só sorria, mas não entendia tudo o que diziam. Às vezes, eu sentia vergonha. Quando ligava a televisão, as palavras corriam depressa e eu precisava pedir para alguém traduzir o que estavam dizendo.

Também era difícil usar o telefone. Eu olhava para aquele aparelho e parecia um mundo fechado para mim. Sempre precisava que alguém abrisse as mensagens ou fizesse as chamadas por mim.

Hoje é diferente.

Agora eu consigo ler e escrever. Consigo entender o que dizem na TV, responder as mensagens no meu telefone e falar com meus netos sem medo. Cada palavra nova que aprendo é como abrir uma janela. Mesmo sendo idosa, sinto que a alfabetização me devolveu a juventude do pensamento. Não posso mais trabalhar muito, mas posso administrar minha pequena venda, calcular o lucro e o gasto, e cuidar melhor da minha vida.

Eu me sinto feliz, porque o conhecimento é como a luz do amanhecer: chega devagar, mas quando se espalha, ilumina tudo.

Com carinho e gratidão,  
Theresa Bwalya



**Dorothy Musonda, 25 anos, Lusaka (Chipata Overspill)**



Queridos Educadores,

Meu nome é Dorothy Musonda, tenho 25 anos e moro na comunidade de Chipata Overspill, em Lusaka. Escrevo esta carta com o coração cheio de gratidão.

Nasci com meu irmão gêmeo, e nós dois temos a mesma condição que afeta a visão. Sou parte de uma grande família com oito filhos — três irmãos e cinco irmãs. Nosso pai já faleceu, e hoje vivo com uma das minhas irmãs, que também é mãe solteira.

Cresci ouvindo que eu não podia estudar. Em muitas escolas, os professores diziam que eu deveria ir para uma instituição especial, em Ndola, porque “não havia lugar para mim” nas salas normais. Isso me doía. Sentia que as pessoas me olhavam como se eu não fosse uma pessoa completa.

Por muito tempo, eu me senti invisível.

Mas quando encontrei a Campanha de Alfabetização e Agroecologia, tudo mudou. Pela primeira vez, alguém me disse: “você pode aprender, e aprender é um direito.”

Hoje, eu leio e escrevo com alegria. Aprendo sobre a terra, sobre a vida e sobre mim mesma. Aprendi que o conhecimento não é apenas para quem enxerga com os olhos, mas para quem enxerga com o coração.

Agradeço profundamente a todos que acreditaram em mim, que me ensinaram com paciência e ternura.

A educação me deu esperança, força e futuro.

Com amor e gratidão,  
Dorothy Musonda

## Referência

[1] Carwardine, M. (1988). A Natureza da Zâmbia: Um guia para a conservação e o desenvolvimento (N.º 2). IUCN. Disponível em:

[https://books.google.com.gh/books?hl=en&lr=&id=bzwTeSDBJmIC&oi=fnd&pg=PA8&dq=Zambia+is+a+landlocked+country+of+rugged+terrain+and+diverse+wildlife,+with+many+parks+and+safari+areas.&ots=MBk3DHoPH2&sig=Dy1VVxM7GYOAOlYXrDFNvBGNSho&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.gh/books?hl=en&lr=&id=bzwTeSDBJmIC&oi=fnd&pg=PA8&dq=Zambia+is+a+landlocked+country+of+rugged+terrain+and+diverse+wildlife,+with+many+parks+and+safari+areas.&ots=MBk3DHoPH2&sig=Dy1VVxM7GYOAOlYXrDFNvBGNSho&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)



[2] Língua e cultura da Zâmbia: um vislumbre de seu rico patrimônio. Disponível em: [Língua e cultura da Zâmbia: um vislumbre de seu rico patrimônio](#)

[3] Escritório Central de Estatística (Zâmbia). (2003). *The Monthly – Outubro de 2003 (Vol. 7)*. Lusaka: República da Zâmbia. Disponível em: [Microsoft Word - Vol 7 2003 The Monthly October.doc](#)

[4] Pesquisa Demográfica e de Saúde da Zâmbia. 2018. Disponível em: [https://www.zamstats.gov.zm/wp-content/uploads/2023/12/2018-ZDHS-Key-Indicator-Report.pdf?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.zamstats.gov.zm/wp-content/uploads/2023/12/2018-ZDHS-Key-Indicator-Report.pdf?utm_source=chatgpt.com)

[5] Chingala, S. (2019). *Governança fundiária na Zâmbia*. Artigo apresentado no Simpósio Internacional sobre Gestão Fundiária e Posse da Terra, Universidade de Ciência e Tecnologia da Namíbia, Windhoek, Namíbia. Disponível em: <http://landsymposium.nust.na/sites/default/files/2019-08/Land%20Governance%20in%20Zambia%203-4%20September%202019.pdf>

---